

A interculturalidade na perspectiva da decolonialização por meio da educação

Interculturality in the perspective of decolonization through education

*João Guilherme de Melo Peixoto*¹

*Karla Ramos Ribas de Mello*²

Resumo: Este texto objetiva analisar como a interculturalidade pode vir a ser um agente promotor da descolonialidade a partir da educação. A pesquisa se deu com base em estudos bibliográficos a fim de entender o conceito do termo intercultural e sua relevância para o fomento de uma educação decolonial. As leituras das produções do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C) - formado principalmente por dez pesquisadores latinos - estimulam o estudo acerca de questões como diversidade cultural, educação intercultural e decolonialidade. Além disso, examina a qualidade da formação do docente para entender de que forma ela pode favorecer a valorização das mais variadas culturas dentro de sala de aula. No decorrer desta pesquisa, foi possível perceber que as opiniões dos pensadores do GM/C convergem para a ideia de que o incentivo à interculturalidade na formação tanto de docentes, quanto de discentes, possibilita a elaboração de projetos educacionais que respeitam e atendem às transformações sociais e culturais. É fundamental haver a decolonização do conhecimento, de modo que se possa romper com os padrões de exclusão e de discriminação, a fim de tornar a sociedade mais humana e ética.

Palavras-chave: Colonialismo. Descolonialidade. Interculturalidade. Educação.

Abstract: This paper aims to analyze how interculturality may become an agent to promote decoloniality starting from education. The research was based on bibliographic studies in order to understand the concept of the term intercultural and its relevance to the promotion of decolonial education. The readings of the productions of the Modernity/Coloniality Group (GM/C) - formed mainly by ten Latin researchers - stimulate the study about questions of cultural diversity, intercultural education and

¹ Doutor em Comunicação Social pela UFPE, com estágios de pós-doutoramento pelo Center for Internet Studies and Digital Life (Universidad de Navarra - Espanha) e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Atualmente, realiza estágio de pós-doutoramento no Centro de Informática da UFPE. Bolsista de Inovação pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe). Professor permanente do Mestrado em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e nos cursos de graduação em Fotografia e Jornalismo. Coordenador do MBA em Gestão e Comunicação da Inovação no Setor Público (Católica Business School). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Createch – Tecnologias Aplicadas ao Desenvolvimento de Soluções e Produtos em Indústrias Criativas. É servidor público do Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE).

² Jornalista e mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCriativas Unicap).

decoloniality. In addition, it examines the quality of teacher training to understand how it can promote the valuing of the most varied cultures in the classroom. During this research, it was possible to realize that the opinions of the GM/C scholars converge towards the idea that the incentive to interculturality in the training of both teachers and students allows for the development of educational projects that respect and attend to social and cultural transformations. The decolonization of knowledge is fundamental, in order to make society more humane and ethical, breaking away from patterns of exclusion and discrimination.

Keywords: Colonialism. Decoloniality. Interculturalism. Education.

1. Introdução

O objetivo principal deste texto é analisar de que maneira uma educação intercultural pode contribuir para a decolonialidade do conhecimento. Os objetivos secundários destinam-se explicar o termo “interculturalidade”, associando-o à educação; observar de que forma a pluralidade cultural e a formação do professor podem possibilitar o conhecimento da diversidade e da valorização das culturas; e estudar o movimento decolonial com foco na hegemonia da dialética eurocêntrica.

A definição de interculturalidade parece consistente em todos os vieses das ciências que estudam as sociedades e que objetivam “[...] dar primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo” (SANTOS, 2008, p. 8). A partir dessa reflexão colonial, que destaca a desigualdade hegemônica do conhecimento comum às sociedades, apoiamos na ideia de que a pluralidade cultural deve ser tanto respeitada, quanto aplicada na construção do conhecimento, de modo que a perspectiva intercultural se aplique ao contexto educacional como fator gerador de um movimento decolonial.

Como afirmam os professores e pesquisadores da área Walter Mignolo e Madina Tlostanova (2009, p. 19): “*El pensamiento desde el borde y el giro des-colonial son una ruta hacia un futuro posible.*” Deste modo, é imperativo pensar a interculturalidade na perspectiva da decolonialidade como algo que,

do mesmo modo que é complexo e moroso, é igualmente viável e fundamental para a evolução da sociedade.

A investigação de respostas à questão cerne desta pesquisa se apoia em leituras de autores do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C). O grupo é considerado uma “coletividade de argumentação” integrado por Aníbal Quijano (Peru), Walter Dignolo (Argentina), Enrique Dussel (Argentina), Catherine Walsh (norte-americana radicada no Equador), Nelson Maldonado-Torres (Porto Rico), Daniel Mato (Venezuela), Fernando Coronil (Venezuela), Edgardo Lander (Venezuela), Arturo Escobar (Colômbia), Santiago Castro-Gómez (Colômbia) e outros.

O coletivo visa interpretar, a partir de uma experiência latino-americana, a educação intercultural, incluindo seus efeitos nos processos de formação de professores e de práticas educacionais. Neste sentido, o grupo idealiza um projeto de natureza intelectual e política, chamado “giro decolonial” (RESTREPO; ROJAS, 2010). Esse projeto destina-se a avaliar o curso da colonização, focando na decolonização do conhecimento.

2. Giro Decolonial

O termo “giro decolonial” foi cunhado pelo intelectual Maldonado-Torres (2007) com a intenção de provocar uma percepção de virada, fazendo alusão à transformação epistêmica da colonialidade. Na visão da pesquisadora Luciana Ballestrin, “giro decolonial” “[...] basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade” (BALLESTRIN, 2013, p. 105). De acordo com a autora, esse movimento é, além de tudo, um projeto político que, tanto questiona o sentido das três vertentes da colonialidade: do ser, do saber e do poder, quanto reconhece os fluxos de colonialidade presentes no ocidentalismo e no eurocentrismo.

Esta tripla dimensão da colonialidade, é explicada pelos pensadores Eduardo Restrepo e Axel Rojas (2010) da seguinte forma: a “colonialidade do ser” rebaixa o ser humano “outro”; a “colonialidade do saber” discrimina metodologias de educação “outras”, e a “colonialidade do poder” categoriza grupos e lugares “outros” para exploração. Segundo Mignolo (2007), a decolonização dos aspectos do ser, do saber e do poder, somente é possível através de uma prática de resistência, ou seja, através de um comportamento crítico em face à colonialidade e seus resultados.

O pesquisador colombiano Arturo Escobar (2003), define o movimento do GM/C, com referência ao “giro decolonial”, como sendo um plano de validação para um “pensamento outro”, com “métodos de educação outros”, dentro de um “espaço outro”, ou seja, “um paradigma outro” dentro de uma realidade social diversa possível. A ideia do “paradigma outro” foi concebida por Elena Yehia (2007), estudando projetos de decolonialidade e buscando elaborar meios para estabelecer um outro jeito de ser, de saber e de poder, oposto ao que foi imposto pela colonialidade eurocêntrica, ela questiona:

[...] ¿al enmarcar nuestros argumentos en el pensamiento decolonial y usar categorías como “decolonial”, “no moderno” o “transmoderno” no estamos también contribuyendo a reproducir las pretensiones universalistas de la modernidad? (YEHIA, 2007, p. 109).

Se considerarmos que o eurocentrismo representa uma lógica de padrão geral de poder, que foi estabelecida durante a modernidade, alicerçado pelos processos de colonização (QUIJANO, 2005), então o modelo eurocêntrico é o determinante que vem a dividir questões subjetivas e culturais entre a Europa e o resto do mundo. Deste modo, o eurocentrismo provoca uma polarização no mundo, determinando as raças - e suas respectivas categorias - e estabelecendo, por conseguinte, a hegemonia em diversas áreas sociais, inclusive a da educação.

As noções de raças, classes e povos são estabelecidas desse movimento hegemônico europeu, a partir do argumento de compreensão das modernas relações sociais (BANTON, 1977). A concessão e a validação desses

movimentos identitários só foram possíveis devido à certeza do princípio de que “a história da civilização humana é baseada numa trajetória linear para o progresso, cujo apogeu é a Europa; e de que as diferenças entre a Europa e a não-Europa são naturais e não resultantes das relações assimétricas de poder” (QUIJANO, 2005).

Posto isto, desde quando a Europa passou a impor a sua superioridade sobre as nações que vinha a colonizar, e sobre os povos que vinha a explorar, o paradigma eurocêntrico “[...] desumanizou seres humanos e desprezou o conhecimento e as formas de organização social e expressão cultural de outros povos” (BRAGATO, 2017, n.p.). É possível compreender desse modo que, o movimento de colonialidade, ao preservar-se hegemônico em zonas sociais que, primordialmente, são as que estabelecem os padrões de, por exemplo, educação, política e economia, desqualifica as outras culturas populares e admite apenas uma cultura como a aprovada.

3. Interculturalidade crítica

O movimento do “giro decolonial” (RESTREPO; ROJAS, 2010) promoveu, dentre outras reflexões já levantadas neste texto, a noção de um pensamento crítico intercultural, que é o protagonista de uma transformação contra-hegemônica possível. Para a pesquisadora do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C), Catherine Walsh, a interculturalidade crítica representa:

[...] una configuración conceptual, una ruptura epistémica que tiene como base el pasado y el presente, vividos como realidades de dominación, explotación y marginalización, que son simultáneamente constitutivas, como consecuencia de lo que Mignolo há llamado modernidad/colonialidad. (WALSH, 2007, p. 50).

Logo, surge, a partir de movimento crítico, uma contra-hegemonia epistemológica, que tende a transformar conceitualmente o que foi imposto

pelo projeto colonizador, de forma social e política outrora, às culturas colonizadas.

Ao pensar na definição de interculturalidade, deve-se analisar para além do que parece óbvio - porém simplório - como o mero cruzamento de culturas. A interculturalidade simboliza evidentemente a pluralidade de tradições, dos costumes, das populações etc, entretanto, se essa noção estiver associada meramente ao reconhecimento e à tolerância da diversidade cultural-social, a contra-hegemonia epistêmica - que é a impulsionadora do “giro decolonial” pretendido - estará impossibilitada de se manifestar. Portanto, o estímulo à interculturalidade crítica é fundamental tanto para a transformação do paradigma da colonialidade, quanto para a decolonização do saber.

Isso porque, quando a interculturalidade é compreendida criticamente como agente estratégico e fundamental para promover a transformação do espaço acadêmico, ela viabiliza a promoção também de movimentos produtivos de respeito e de disseminação de diversidades culturais. Ademais, a interculturalidade estimula a sociedade a “[...] compreender o mundo a partir de diferentes formas sócio históricas que possibilitem a reflexão sobre seu próprio contexto e sobre outras realidades, as que podem estar ou não próximas deles, em termos tanto materiais quanto simbólicos [...]” (MARTÍNEZ et al., 2009, p. 52).

Como dito anteriormente neste texto, a interculturalidade vem a ser mais do que a coexistência de culturas. Na visão de Catherine Walsh, a interculturalidade consiste num diálogo cultural-instrutivo, que subtende um cruzamento entre diversas culturas, mas que não se restringe apenas a isso. Para Walsh, essa comunhão de culturas está mais inclinada para um movimento de educação intercultural, que pretende:

[...] más que ‘incluir’ de manera multiculturalista, el esfuerzo ha sido de construir, posicionar y procrear pedagogías que apuntan el pensar ‘desde’ y ‘con’, alentando procesos y prácticas ‘praxísticas’ de teorización - del pensar-hacer - e interculturalización que

radicalmente desafian las pretensiones teórico-conceptuales y metodológicas-académicas, incluyendo sus supuestos de objetividad, neutralidad, distanciamiento y rigor. (WALSH, 2012, p. 66)

Deste modo, é clara a compreensão da interculturalidade, sob o ponto de vista de Walsh, quando ela afirma que:

[...] se entiende como una estrategia, acción y proceso permanentes de relación y negociación entre, en condiciones de respeto, legitimidad, simetría, equidad e igualdad. Pero aún más importante es su entendimiento, construcción y posicionamiento como proyecto político, social, ético y epistémico - de saberes y conocimientos -, que afirma la necesidad de cambiar no sólo las relaciones, sino también las estructuras, condiciones y dispositivos de poder que mantienen la desigualdad, inferiorización. (WALSH, 2012, p. 4)

Para além das possibilidades de evolução e estratégias de ruptura de tradições hegemônicas percebidas através de uma reflexão decolonial, a interculturalidade está relacionada, naturalmente, à promoção do fortalecimento da variedade cultural, ao reconhecimento dos saberes coletivos de cada cultura, ao respeito ao diferente, ao combate à desigualdade de oportunidades. Todos esses aspectos revelam um propósito único, que é o de fortalecer a relevância do direito que todas as culturas têm de serem reconhecidas em suas particularidades, de tal sorte que suas diversidades sejam incluídas em vieses sociais, culturais, educacionais etc.

Assim sendo, é consequente considerar que a interculturalidade pode vir a contribuir na esfera da educação, como uma ferramenta de estratégia justa, política e epistêmica. Pois, é através dos processos educacionais que a colonialidade pode ser debatida e enfrentada, ao revelar o racismo e a racialização das relações (CANDAU; RUSSO, 2011).

Há de se reconhecer a imprescindibilidade do fomento e da criação de um projeto educacional, que esteja fundamentado na “interculturalidade crítica”, que venha a provocar a discussão de questões relacionadas à hegemonia colonial, visando a promoção do conhecimento entre os vários campos do saber.

4. Interculturalidade crítica para a educação

A partir dos estudos realizados pelos pesquisadores do GM/C, especialmente baseando-se no projeto do “giro decolonial” e na literatura da pesquisadora Catherine Walsh, podemos compreender a interculturalidade como sendo a possibilidade de diálogo entre as culturas a partir de um viés especialmente crítico “[...] *como proyecto político-social-epistémico-ético y como pedagogía decolonial* [...]” (WALSH, 2010, p. 76). Neste caso, propõe-se a interculturalidade como projeto de transformação social a partir do campo educacional.

Para Walsh, a decolonialidade é, portanto, estratégia, ação e meta da interculturalidade. Sob o ponto de vista da interculturalidade como processo e projeto, isso vem a significar que é possível construir “modos outros” de ser, saber e poder, a conferindo à interculturalidade “[...] *una forma ‘otra’ de pensar y actuar com relación a y en la modernidad/colonialidad.*” (WALSH, 2006, p. 35).

Ao analisarmos o problema estrutural colonial racial, que demonstra a diferença que se é montada no interior de “[...] *una estrutura e matriz colonial de poder racionalizado y jerarquizado* [...]” (WALSH, 2010, p. 78), a interculturalidade passa a ser vista como projeto de promoção à transformação estrutural e sócio-histórica: “[...] *la interculturalidad es práctica política y contrarrespuesta a la geopolítica hegemónica del conocimiento; es herramienta, estrategia y manifestación de una manera ‘otra’ de pensar y actuar*” (WALSH, 2005a, p. 47).

Essa perspectiva é confirmada pelas estudiosas Vera Maria Ferrão Candau e Kelly Russo na conclusão que diz que “A interculturalidade é então concebida como uma estratégia ética, política e epistêmica. Nessa perspectiva, os processos educativos são fundamentais” (CANDAU E RUSSO, 2010, p. 166). A partir do prisma dos processos educacionais, a colonialidade é decomposta para que uma sociedade “outra” seja composta. De acordo com o

filósofo intercultural Raúl Fornet-Betancourt, a essência da interculturalidade é inerente à história latino-americana, pois a interculturalidade determina a forma como as pessoas aprendem a conviver com os “outros”. “Daí que se trata de uma atitude que abre o ser humano e o impulsiona a um processo de reaprendizagem e re colocação cultural e contextual” (FORNET-BETANCOURT, 2004, p. 13).

Por conseguinte, a interculturalidade tem o papel de viabilizar a convivência entre povos e realidades diversas, além de contestar os discursos hegemônicos e os padrões eurocêntricos, promovendo assim o debate sobre o modo “outro”, e a relativização das organizações e práxis sociais. A partir deste ponto, vale salientar a função da educação e a importância da reestruturação dos currículos escolares - bem como do modus operandi das instituições de ensino - no que se refere à implementação de um processo educacional verdadeiramente intercultural.

Visto que a escola é a principal entidade social que, não apenas produz, mas também fortalece a cultura em suas diversidades. Compreender a relevância da instituição de ensino enquanto espaço de desconstrução de práticas de discriminação e de normalização das diversidades, é perceber a necessidade de renovação do currículo escolar no sentido de possibilitar “olhares outros” e “abordagens outras”. Pois, um currículo que possa vir a ser considerado intercultural, demanda conteúdos, processos e relações que favoreçam a um “diálogo intercultural”.

Para melhor compreensão da expressão “diálogo cultural”, é preciso antes entender que, no contexto histórico das relações de produção do conhecimento, os processos se davam exclusivamente sob padrões eurocêntricos. Segundo a pesquisadora Fernanda Frizzo Bragato, considerando a sujeição epistemológica à qual os países colonizados foram submetidos, não há:

[...] valorização de nossas experiências culturais, o que acaba reproduzindo modelos de conhecimento pouco responsivos aos

nossos processos de constituição social, econômica, política e cultural. Somos educados a obedecer e a (mal) copiar. (BRAGATO, 2017, n.p.)

O filósofo intercultural Raúl Fonet-Betancourt corrobora com essa ideia afirmando que o caminho da elaboração de um “diálogo intercultural” vem a ser:

[...] a única alternativa que promete nos conduzir à superação efetiva de formas de pensar que, de uma ou outra maneira, resistem ao processo da argumentação aberta, ao condensar-se em posições dogmáticas, determinadas somente a partir de uma perspectiva monocultural. (FORNET-BETANCOURT, 1994, p. 19)

Consideramos que somente poderá haver um diálogo intercultural quando aceitamos e compreendemos o paradigma eurocêntrico e suas implicações na construção de uma sociedade múltipla e justa. O “diálogo intercultural” como ferramenta de enfrentamento ao paradigma colonial, coloca em foco a necessidade da discussão da decolonialidade a partir, principalmente, da decolonização do conhecimento.

3. Conclusão

Através dos estudos realizados pelos integrantes do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C), é possível afirmar que a decolonialidade é o principal meio de acesso à interculturalidade. As pesquisas produzidas pelo grupo indicam que a interculturalidade crítica aparece como um método de natureza não apenas política, mas também social, ética e, especialmente, epistêmica, que propõe a renovação das sociedades subalternizadas pela modernidade/colonialidade da hegemonia eurocêntrica, e também, com um enfoque mais específico, no campo da educação.

Assim, percebemos que viabilizar a interculturalidade crítica tanto na formação de professores, quanto no currículo escolar e na educação de uma maneira geral, pode possibilitar a elaboração de um projeto educacional que seja promotor de transformações sociais factíveis. Servir-se da

interculturalidade crítica, a partir da educação, como estratégia política de mudança e renovação emancipatória, é o mote principal das investigações e das produções analisadas para a construção da ideia central deste texto.

O “giro decolonial” - objeto central do projeto decolonizador proposto pelo GM/C - representa substancialmente uma virada, do ponto de vista epistêmico, que visa questionar a hegemonia da modernidade/colonialidade eurocêntrica, além de propor uma “episteme outra” baseada na diversidade e na interculturalidade. Esse movimento tem caráter mais político do que filosófico, e sugere um estudo para além dos padrões da colonialidade imposta.

O “giro decolonial” propõe, sobretudo, a decolonialidade do do ser, do saber e do poder, como uma manobra de construção de um pensamento “outro”. As reflexões acerca do paradigma “outro” tendem para um movimento decolonial, uma vez que têm características de insubordinação político-epistêmica, de reciprocidade entre os povos subalternizados colonialmente, de defesa e preservação da pluriversalidade e de criação de ambientes de diálogo para a promoção do equilíbrio de condições de ser, saber e poder.

Diante disso, é possível considerar que o combate à hegemonia ideológica das classes dominadoras, a cooperação dos grupos que emergiram do colonialismo e a busca por uma educação orientada à quebra do paradigma de alienação que se sustenta na separação dos tipos de saberes. Para que isso ocorra, é fundamental a prática da interculturalidade nas mais diversas instâncias educacionais, promovendo a decolonização do conhecimento. O intuito deste movimento é o de provocar a quebra dos modelos de exclusão e de discriminação, próprios da colonialidade, e tornar as pessoas de todas as sociedades mais humanas, éticas, iguais (do ponto de vista de direitos) e legítimas.

Referências

BALESTRIN, Luciana. América Latina e giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013.

- BANTON, M. **A ideia de raça**. Tradução Antônio Marques Bessa. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BRAGATO, F. F. Diálogo intercultural para um mundo pluriversal: um caminho por onde andar. **Empório do Direito**, São Paulo, 6 mar. 2017. Disponível em: <https://emporiiododireito.com.br>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- CANDAU, V. M. F. RUSSO, K. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. *In*: CANDAU, V. M. (org.). **Diferenças culturais e educação**: construindo caminhos. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011. p. 71-75.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão.; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Rev. Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010.
- ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, Bogotá – Colômbia, n. 1, p. 51-86, jan./dez. 2003.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Interculturalidade**: críticas, diálogo e perspectivas. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.
- MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (ed.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: IescoPensar-Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.
- MARTÍNEZ, M. E. et al. Políticas e práticas de educação intercultural. *In*: CANDAU, V. M. (org.). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p. 44-72.
- MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura – un manifiesto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 25-45.
- MIGNOLO, Walter D.; TLOSTANOVA, Madina. Habitar los dos lados de la frontera/teorizar en el cuerpo de esa experiencia. **Revista Ixchel**, México, 2009.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005. p. 227-278.
- RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial**: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Cauca – Colômbia: Editorial Universidad de Cauca, 2010.
- SANTOS, B. de S. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e de outro. **Revista Travessias**, Coimbra, v. 6/7, p. 15-36, 2008.
- WALSH, C. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. *In*: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (ed.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 115-142.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. *In*: VIANA, Jorge.; TAPIA, Luis.; WALSH, Catherine. **Construyendo interculturalidad crítica**. La Paz: III – CAB, 2010. p. 75-96.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: diferencia y nación de otro modo. *In*: **Desarrollo e interculturalidad, imaginario y diferencia**: la nación en el mundo andino. Quito: Academia de la Latinidad, 2006. p. 27-43.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. **Signo y Pensamiento**, Bogotá, v. XXIV, n. 46, p. 39-50, jan./jun. 2005a.

YEHIA, Elena. Descolonización del conocimiento y la práctica: un encuentro dialógico entre el programa de investigación sobre modernidad/colonialidad/decolonialidad latinoamericanas y la teoría actor-red. **Tabula Rasa**, Bogotá – Colômbia, n. 6, p. 85-115, jan./jun., 2007.

Artigo recebido em: 07/02/2023.

Aceito para publicação em: 04/07/2023.